

## GO'EL em Jó 19,23-27

Werlen Lopes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo analisa a raiz G'L (*redentor, resgatador*) em Jó 19,23-27. O objetivo é descobrir a identidade do *goel* e seu *modus operandi* no livro de Jó. No início, o trabalho explicita o conceito G'L no Antigo Testamento e o apresenta no livro de Jó. Em seguida, analisar-se-á a perícopa em seu contexto, imediato e remoto, bem como as suas variantes em busca de uma tradução o mais fiel ao Texto Massorético (TM). Por isso, conclui-se que o *goel* que Jó acredita e espera, atua de maneira atípica do esperando no Antigo Testamento. Seu agir não está condicionado ao tempo de vida terrena da vítima, mas poderá resgatá-la mesmo após a sua morte.

**Palavras-chave:** Jó. Go'el. Redentor. Interpretação. Identidade.

### INTRODUÇÃO

O livro de Jó<sup>2</sup> ocupa o apogeu da literatura mundial e bíblica (SCHÖKEL, 1983, p. 19) e Jó 19,23-25 é um dos poemas mais conhecidos e citados do livro (HABEL, 1985, p. 303). E mesmo após diversas pesquisas, ainda não há consonância quanto ao significado do *goel* em Jó (BARRÉ, 1979, p. 107-110).

Um termo, ou um texto bíblico, quando extraído de seu contexto literário, perde sentido e, nesse caso o pensamento teológico do autor pode ser sobreposto por concepções teológicas estranhas a ele. Primeiro, é preciso conhecer o texto “*por dentro*”, o estilo do autor, seu ambiente sociocultural, para depois, afirmar, a partir do texto que aquilo, é provavelmente, um pensamento seu.

Sabe-se que a teologia cristã, por muitos séculos identificou o *goel* em Jó 19,25, sobrepondo ao texto, uma premissa teológica que ocultou o seu verdadeiro significado. Por outro lado, biblistas do Antigo Testamento, identificaram-no como sendo *Eloah* ou o deixaram sem identidade embasados nas dificuldades do texto. Neste estudo, seguir-se-á a premissa, de que o pensamento teológico de um autor deve partir, a princípio, de critérios internos, e por isso, analisar-se-á a perícopa Jó 19,23-27 em seu contexto literário, com o objetivo de refutar as duas interpretações supracitadas para identificar a função e a identidade do *goel* em Jó 19,25.

1       Doutorando em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Apoio: CAPES.

2       Sobre o livro de Jó e sua estrutura conferir in SILVA, Werlen. *O Livro de Jó e suas questões internas*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v. 41, p. 322-335.

## O CONCEITO DA RAIZ G'L

A raiz G'L é quase exclusiva da língua hebraica e recorrente em contexto jurídico-social, profano e religioso (RINGGREN, 1988, p. 1803) e, por se tratar de raiz verbal polissêmica, seu significado depende do contexto. ALONSO SCHÖKEL define nestes termos:

No sentido próprio significa a ação legal pela qual um responsável, parente ou substituto, recupera bens alienados, livra escravos ou cativos, vinga assassinios, recupera bens consagrados, casa-se com uma viúva sem filhos. A ação se fundamenta no sentido e exigência da solidariedade familiar; por ser um direito obrigação, pode incluir o aspecto de responsabilidade. Podendo ser traduzido, de acordo com o contexto por: resgatar, redimir, recuperar, recobrar, reclamar, responder em lugar de/por, reivindicar, vingar, vindicar. O segundo sentido está ligado ao culto e, nesses contextos, significa: profanação, contaminado, estar manchado, sujo (SCHÖKEL, 2004, p. 125).

O radical G'L costuma aparecer em quatro contextos básicos. Primeiro, em uma situação jurídica, quando a recompra de um campo ou de uma casa, que fora vendido em tempos de necessidade, nesses casos o *goel* é encarregado de reaver os bens de sua família (Lv 25, 25-28. 47-49). Também, é responsável por receber a restituição por algum parente falecido e pela liberação de um escravo (Nm 5,8; Lv 25,47-49; Rt 2,20). Em segundo lugar, está associado ao resgate de uma propriedade ou animal dedicado ao Senhor (Lv 27,11). Terceiro, quando um parente foi assassinado e o “*resgatador de sangue*”<sup>3</sup>, tem a obrigação de reivindicar o sangue de seu parente morto matando o assassino (Nm 35,12-29; Jos 20, 1-9; 2 Sm 14,11). O quarto é o contexto teológico, quando é atribuído a Deus, sendo esse redentor de Israel (Pr 23, 10-11; Jr 50,34; Sl 72,14; Is 43,1-3) (RINGGREN, 1988, 1803-1916). Contudo em Jó, como sugerem os biblistas, parece que identidade do *goel* não é evidente. Assim sugere Silvano, em um proeminente estudo sobre a raiz G'L, ao citar Jó 19,25 afirma:

As traduções oscilam entre “*redentor*” e “*defensor*”. Nessa citação, não é claro a quem se refere. As propostas sugeridas são: “*o grito do sangue*”, “*um mediador celeste*”, “*um anjo*” ou o próprio “*Deus*”. Essa última sugestão parece ser a menos adequada, pois, no contexto, Deus é o adversário de Jó (SILVANO, 2018, p. 29).

## O CONTEXTO DE JÓ 19,23-27

Jó 19,25 está inserido no contexto literário dos capítulos 16–19, que na estrutura dos

3 gō'el haddām. Nesse artigo adotou-se a transliteração da BHT in BIBLE WORKS 10: *software for biblical exegesis and research*. Norfolk: Bible Works, LLC, 2018.

diálogos poéticos faz parte do segundo ciclo de discursos<sup>4</sup> e Jó 19,23-27 é parte da resposta de Jó aos discursos de Elifaz e Bildad. Nos capítulos 16 e 17, Jó responde a Elifaz com três lamentos. Primeiro, dirige palavras de reprovação aos intelectuais inoportunos que só proferem discursos ociosos (16,2-5), eles são, nas palavras de Jó, “*consoladores miseráveis*” (16,2b). Em seguida, se dirige a Deus acusando-o *caluniador* e de persegui-lo como uma fera (16,6-17). Mas, em 16,18-22, auge de sua aflição, ele respira, ele clama pelo auxílio de um defensor, de uma “*testemunha nos céus*”. Estranhamente, e apesar de toda aflição, Jó ainda acredita que Deus não o abandonou. No entanto, será que Deus é a testemunha que ele espera? Será que Deus testemunharia contra ele mesmo?

No capítulo 17, Jó continua se dirigindo a Deus e exausto afirma: “*Guarda contigo uma fiança em meu favor, pois quem, senão tu, me apertará a mão?*” (17,3), contudo, volta a descrever o seu sofrimento com imagens sombrias: “*grita a cova: ‘Tu és meu pai!’ ao verme: ‘Tu és minha mãe e minha irmã!’*” (17,14). Jó não espera mais nada a não ser o *Sheol*.

Jó 18, é a réplica de Bildad de Suás, trata-se de um discurso agressivo em defesa da doutrina de retribuição e de desqualificação da teologia desenvolvida por Jó. Sua preocupação é o destino dos ímpios (vv. 5-21) que foram contestados por Jó (16,11-12). Para Bildad, Jó é o culpado por sua desgraça, e não Deus. Jó, em sua prosperidade de antanho, caiu na impiedade, e deve ser tratado por todos como ímpio.

A ironia de Bildad chega a patamares inimagináveis. Primeiro, chama Jó de “*primogênito da morte*”, ou seja, de peste, a pior das enfermidades (2,7b-8) (MORLA, 2018, p. 568) ou, como pensa Steimann, de *portador da morte* (STEIMANN, 1955, p. 153). Em seguida, condena o pobre Jó às garras do “*rei dos terrores*” (18,14), onde habita o terror supremo, o reino de *Negal*, divindade dos babilônios, ou de *Moloc* dos cananeus (MORLA, 2018, p. 571), lugar em que os ímpios são aniquilados (18,13-14).

No capítulo 19 temos a resposta de Jó a Bildad. Jó surpreende a todos, pois apesar de sua doença, ainda tem capacidade de pensar e trilhar um novo caminho teológico em defesa do justo, ao passo que Bildad continua a ver o mundo a partir dos óculos da teologia da retribuição. Primeiro, recrimina seus interlocutores, que tendem a crescer sobre suas cinzas: “*se de fato caí no erro, meu erro diria respeito a mim*” (19,4), e segue, acusando a Deus de, supostamente, ter violado seu direito (19,6), de abandoná-lo no auge de seus sofrimentos, o persegue e afastou todos os seus entes queridos (19,7-19). Por fim, só lhe resta uma esperança, uma luz “*no fim*” do túnel. Jó sabe que seu *goel* está vivo e se levantará para defender sua causa diante de YHWH.

Conforme Suriano, o contexto em que surge o radical G’L no livro de Jó é de um funeral, e é nessa perspectiva que o radical deve ser estudado (SURIANO, 2010, p. 50). O contexto tem dividido os biblistas em dois aspectos: a identidade e o momento em que o *goel* deve agir. Segundo Norma Habel, alguns exegetas defendem que o resgate ocorreria antes da

4 Segundo a Bíblia de Jerusalém o segundo ciclo de diálogos poéticos compreende os capítulos 15–21 (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2004, p. 800).

morte, no último momento e nessa hipótese ele seria *parente-redentor*. Todavia, outros sugerem, que o resgate, no caso de Jó, aconteceria após sua morte e nessa hipótese o *goel* seria um ser divino (16,19) ou um parente-redentor (19,23) (HABEL, 1985, p 307). Pois bem, se em Jó 19,25, o resgate for realizado por um parente-redentor logo após a morte de Jó, então, tem-se no livro de Jó uma dimensão exclusiva para o radical G'L. Essa será a hipótese desenvolvida e defendida nesse estudo.

## DELIMITAÇÃO DO TEXTO

A delimitação de uma perícopa constitui uma exigência básica para a interpretação de sua mensagem. Há, diversas propostas a respeito da delimitação e diferentes estruturas para Jó 19,23-27, e como não há consenso entre os exegetas nem mesmo sobre a originalidade textual (CLINES, 1989, p. 435-438)<sup>5</sup>. Oferecemos uma proposta de delimitação.

O texto de Jó 19,23-27 situa-se no marco poético, no segundo ciclo de diálogos poéticos, i.é, parte da resposta de Jó ao segundo discurso de Bildad em defesa da morte definitiva para os ímpios (18,16-17), que constituiria na destruição de sua memória. No capítulo 19, os vv.23-27 sucedem os vv. 21-22, em que Jó acusa *Eloah* de golpeá-lo gravemente com suas mãos, e precedem os vv. 28-29 destinados aos amigos de Jó.

Apesar das incongruências e da complexidade textual delimitamos Jó 19,23-27 como um texto completo subdividido em três partes: (1) vv. 23-24, (2) v. 25 e (3) vv. 26-27.

Jó 19, 23-27 se separa da perícopa anterior por critérios formais e temáticos. O critério formal e a presença do pronome interrogativo *oxalá*, na primeira posição das proposições do v. 23a, que desperta a atenção do leitor para o que virá em seguida. Também, ocorre uma mudança temática opondo-se ao v.22, no qual Jó estava a reclamar da perseguição injusta que vinha sofrendo da parte de Deus. Note-se, também, que os vv.23-24 projetam o discurso para um futuro, como numa eclipse, neles Jó sonha com o momento em que estará livre das garras de Deus.

Estilisticamente os vv.23-24 formam dois paralelismos sinonímicos de estruturas

5 O exegeta Norma Habel delimita nos vv.21-29 e apresenta uma estrutura concêntrica a partir do v.21-29: a. v.21; b. v.22; c, vv.23-24; d. vv.25-26a; c'. vv. 26b-27; b'. v.28; a'. v.29 (HABEL, 1985, p. 302-309). Já, John Hartley define a perícopa nos vv.21-27 e sugere a seguinte estrutura: a. v.21; b. v.22; c. vv.23-24; d. v.25; e. vv.26-27 (HARTLEY, 1988, p. 290-297). Ludger delimita os vv.25-29 e seu esquema é: a. v.25; b. vv.26-27; c. vv.28-29 (SCHWIENHORTS-SCHÖNBERGER, 2011, p. 102-104). Conforme o biblista David Clines, os vv.23-27 constitui uma perícopa, uma poesia, com cinco versos e formam um grupo de paralelismos com dois tricolon e um monocolon (CLINES, 1989, p. 435-437). Já o biblista Victor Morla, propõe, em seu último estudo sobre o livro de Jó, algumas modificações no texto hebraico de Jó 19 em busca de uma mensagem lógica. Em primeiro lugar, desloca os vv.27c-29 e os encaixa após o v.22. Em segundo lugar, encaixar os vv. 23-24 após os vv.25-27b. Em terceiro lugar, delimita a perícopa nos vv.25a-27b. Na proposta de reconstrução de Victor Morla o capítulo 19 seria: vv.1-22 + 27c-29 + 25-27b + 23-24 (MORLA, 2017, p. 598). Mas, no parecer de alguns exegetas, Jó 19,25-27, é uma perícopa, não obstante complexa, entre estes: Alonso Shökel e Sicre Diaz (ALONSO SCHÖKEL e DIAZ SICRE, 1983, p. 291-292), Jean Lévêque (LÉVÊQUE, 1970, p. 467-497).

simétricas. No v.23 ocorre uma quiasmo entre os termos finais - BC/C'B' - com os termos iniciais - A/A'. Já no v.24 com termos - A.B/A'B' - equidistantes que orbitam o termo C - *para sempre*, e forma um paralelismo concêntrico. Os verbos (KTB) *escrever*, (HQQ) *gravar* e (HSB) *cortar* são todos reflexivos: “*niphal, hophal e niphal*” e imperfeitos, essas características reforçam o conteúdo teológico do texto. Segundo Suriano, os vv.23-24, há a descrição de um ritual funerário realizado logo após a morte de um ente querido, quando seu epitáfio seria gravado na rocha colocada sobre o túmulo (SURIANO, 2010, p. 51).

O v.25, tem, em primeiro plano, a conjunção adversativa prefixada ao pronome da primeira pessoa do singular, *mas eu*, característica enfatiza a centralidade do v.25 em toda a perícopa. Nota-se, também, uma aliteração no v.25a, ou lirismo dramático, recurso poético que reforça a tese da centralidade da proposição. As duas proposições formam um paralelismo sintético em forma de quiasmo no qual os termos finais se alinham enquanto os dois primeiros se cruzam - ABC/B'A'C'. O tema desse versículo é a identidade e função do *goel*.

Já, os vv.26-27, apresentam alguns problemas textuais (CLINES, 1989, p. 432-434; HABEL, 1985, p. 292-294). Primeiro, o v.26, no processo de formação o texto hebraico foi corrompido, tornando sua sintaxe confusa e difícil de ser traduzido<sup>6</sup>. Estilisticamente, o v.26 é um paralelismo sintético em forma de quiasmo com ênfase no último membro final - AB/B'A'.C. Enquanto o v.27 é um paralelismo sinonímico (ALONSO SCHÖKEL, 1989, pp 64 - 81), porém sua estrutura interna forma um quiasmo com destaque para o membro inicial - A. BC/C'B'.

Não obstante as diferenças gramaticais e estruturais supracitados os versículos 26-27 estão vinculados pelos pronomes possessivos na primeira pessoa do singular e pelo campo semântico relacionado ao corpo humano e suas funções: *meu redentor* (v.25), *minha pele e minha carne* (v.26); *meus olhos e minhas entranhas/rins* (v.27) e a raiz verbal (HZH) *ver*, no *qal* imperfeito, nos versículos 26b e 27a (MORLA, 2017, p. 598).

A unidade literária de Jó 19,23-27 justifica-se por critérios formais e temáticos. O tema da esperança de Jó em sua justificação é desenvolvido em todos os versículos. Na passagem dos vv.23-24 percebe-se que Jó perdeu a esperança em uma justificação ainda em vida, por consequente, a projeta para o *post-mortem* e deseja que seu testemunho, de homem íntegro, fosse esculpido na rocha para servir de testemunho para sempre. Os vv.25-27 dão ênfase à convicção de Jó de que seu parente-redentor, seu *goel*, se levantará para defender a sua causa e resgatá-lo mesmo depois de sua morte.

6 Primeiro, não existe harmonia interna entre os termos e parecem estar fora do lugar o que dificulta sua compreensão teológica. No parecer de Victor Morla o v.26 deve ser lido como uma glosa construída pelo escriba redator, a partir dos termos dos vv. 25 e 27 com objetivos teológicos, e, por consequente, recomenda reconstrução do versículo, uma vez que fora ostensivamente manipulado em sua transmissão textual (MORLA, 2018, p. 642). Barthélemy, proeminente exegeta, analisa cada palavra e faz diversas observações, entretanto mantém o TM (BARTHÉLEMY, 2015, p. 157). Nota-se, também, a observação de Alonso Schökel que afirmando que o v.26 foi malconservado e que os testemunhos antigos, a LXX e a Vulgata, não o traduziram, ao contrário, propõem uma interpretação livre (ALONSO SCHÖKEL, DIAZ SICRE, 1983, p. 291).



- 25a *Mas<sup>17</sup> eu sei<sup>18</sup>: meu redentor<sup>19</sup> vive!*  
25b *e, no fim<sup>20</sup>, sobre o pó<sup>21</sup>, se erguerá!<sup>22</sup>*  
26a *E após arrancarem minha pele<sup>23</sup>,*  
26b *então, em<sup>24</sup> minha carne, verei<sup>25</sup> a Eloah.*  
27a *o que eu<sup>26</sup> verei,*  
27b *e o que meus olhos contemplaram<sup>27</sup>, e não um estranho.*  
27c *minhas entranhas<sup>28</sup> consomem-se<sup>29</sup> dentro de mim.*

## ESTUDO LITERÁRIO E TEOLÓGICO

A pergunta sobre o *goel* em Jó 19,25 foi muito debatida, e apesar das divergências, é comum pensar que Jó está falando de Deus<sup>30</sup>. Imagine-se que o rebelde Jó, depois de tanto sofrimento, alcançou a compreensão sobre seu sofrimento em particular e clama ao Deus-*goel* que o redimisse. A partir dessa hipótese poderíamos pensar que o clamor de Jó pelo seu

17 O v. 25a inicia com um ו (waw) *mas* adversativo e enfático, opção corroborada por alguns comentaristas, porém é uma conjunção que também foi omitida por alguns comentaristas. (MORLA, 2017, p.588; CLINES, 1989, p. 428; HARTLEY, 1988, p. 290; SCHWIENHORTS-SCHÖNBERGER, 2011, p. 102; POPE, 1983, p. 139).

18 וְיָנִיּוּן, literalmente: “*mas eu sei*”.

19 A raiz verbal לָאָץ (G`L) foi interpretada pela LXX e traduzido por Pope, Alonso Schökel pelo substantivo “*vingador*”. Já, David Clines, traduz, por “*herói, vencedor*”. Outra é a proposta de Ludger, Waiser e Victor Morla preferem o substantivo “*defensor*”. Já Victor Morla explica que se trata de uma tradução contextual. Norma Habel e John Hartley, tradu-lo por “*redentor*”. O que também é a nossa opção.

20 O v.25b וְעַל הַפֶּיַע *e no fim*, forma um paralelo com o verbo לָאָץ.

21 O v.25b וְעַל הַפֶּיַע *sobre [o] pó/poeira*; é uma expressão enigmática, presente oito vezes no livro de Jó, e em todas o seu significado depende de contexto. Em Jó 17,16, pode ser entendida, como *Sheol*, e em 21,26, denota a situação de alguém coberto por vermes. O Sl 22,16 traduz: “*sobre a poeira da morte*”.

22 Para o hemistíquio 25b os testemunhos antigos oferecem excelentes suportes ao TM.

23 A preposição temporal אַחֲרַיִם foi interpretada livremente pelos textos da G, a v e o S. Mas o substantivo רוּחַ foi traduzido literalmente. Já a raiz verbal הִקִּיף (NQP), terceira pessoa do plural, foi traduzida no impessoal. Aqui optamos por manter TM e traduzimos na terceira pessoa do plural (*arrancarem/ esfolarem*). Outra dificuldade está na omissão do pronome demonstrativo הַזֶּה em alguns testemunhos antigos (v e o S). Aqui optamos por omitir de nossa tradução, a dificuldade está na localização do termo pronome após o verbo. Opção corroborada por Victor Morla e Barthélemy. (MORLA, 2017, p. 602; BARTHÉLEMY, 2015, p. 157-159).

24 A preposição מֵן indica lugar: “*desde... ou em...*”

25 A raiz verbal הִזָּהַן (HZH) significa (*ter uma visão*), se distingue do “*ver com os olhos*” e aproxima-se do ver profético.

26 O aparato crítico da BHS anota no v.27a: que alguns manuscritos (Ms [s]) em hebraicos omitem וְיָנִיּוּן *o que eu*. Mas essa ausência não modifica a mensagem do versículo.

27 A raiz verbal רָאָה (R`H) se refere ao ato de ver e ouvir, mas no *qal* tem sentido básico de *ver*.

28 Tradução literal seria “*meus rins*”.

29 A raiz verbal הִלַּךְ (KLH) significado “*final; finalidade*” com sentido de “*destruição, aniquilação, destruir, acabar*”. Entendida dessa maneira ela transmite a ideia de *deterioração/putrefação*. No texto poderíamos traduzir literalmente: “*deterioram os meus rins dentro de mim*”.

30 O DtIs aplica o epíteto redentor a YHWH em várias passagens (Is 43,14; 44,6; 47,4) e o salmista espera intervenção divina diante de seus inimigos (Sl 69,18; 78,35).

*goel* fosse, na verdade, uma oração ou uma profissão de fé em busca de uma reconciliação, de um reencontro com Deus onde depositaria toda a sua esperança como último suspiro. Mas não! O contexto de Jó 19,25 exclui toda possibilidade de que ele espere um auxílio divino. Ao contrário ele está convencido de que Deus o tem como inimigo e como inimigo o tem tratado (19,7-12). Jó é convicto que, apesar de sua inocência (19,7), em breve será assassinado (16,18-22), por conseguinte, clama por justiça, numa tentativa de evitar que sua memória fosse esquecida (16,19-21). Certo de que Deus o conhece e, mesmo assim, o rejeita. Jó, apela, com toda confiança e esperança ao seu *goel*. Mas, quem o resgatará? Um parente próximo ou um ser divino? E, quando será resgatado: antes ou após a sua morte?

Para Suriano, os vv.23-24 recordam o ritual de inscrição do epitáfio na lápide do túmulo<sup>31</sup> que tinha o objetivo de preservar a identidade do parente falecido e o patrimônio de sua família (SURIANO, 2010, p. 50). Jó utiliza essa metáfora para revelar o desejo de que sua memória fosse conservada entre a dos seus familiares “*para sempre*”. Pois não ter o nome gravado na lápide do túmulo entre os nomes dos parentes equivaleria a uma segunda morte (18,16) (SURIANO, 2010, p. 53).

Jó almeja que seja escrito seu testemunho de homem íntegro e inocente (16,19-21), ele é “*justo, íntegro temente a Deus e afastado do mal*” (1,1) (MORLA, 2017, p. 632). Ele espera que que suas palavras possam provar sua inocência, mesmo que sua defesa ocorresse após a sua morte (SURIANO, 2010, p. 57). O obstinado Jó está convencido, de que seus sofrimentos nada têm a ver com o pecado, como projeta a teologia da retribuição, e ferozmente defendida por seus interlocutores. Mas Jó, apesar de sua inocência, sofre (Jó 1,1-2,10) e com isso, eleva a reflexão sobre as causas do sofrimento a outro patamar, e aos poucos vai gestando uma resposta para um dos questionamentos mais pertinentes do livro: Por que o inocente sofre?

A expressão, *oxalá*, reforça o desejo de Jó de ser lembrado como um homem justo e para que isso aconteça o seu testemunho fosse escrito *em uma tábuca, talhando*, com um cinzel de ferro (Jr 17,1), em uma rocha e preenchido com chumbo para ser visto por todos e guardado para sempre (HABEL, 1985, p. 298). Gravado para ser utilizado pelo *goel* como prova em seu julgamento. A mensagem dos vv.23-24 é corroborada pelo paralelo entre as raízes verbais (KTB) *escrever* e (HQQ) *gravar*, (HSB) *talhar, esculpir* e o substantivo *rocha*)<sup>32</sup>, mas não esclarece quais palavras seriam esculpidas. Seriam as palavras dos vv. 25-27 ou não? Mas, apesar das especulações, não se sabe quais seriam as palavras (WEISER, 1974, p. 226).

Para Suriano, os vv.26-27, são uma espécie de segundo ritual em que o corpo era exumado (SURIANO, 2010, p. 50). Nesse processo de exumação, o corpo era retirado da primeira

31 O túmulo era um sinal visível da importância da família (Gn 49,29-32; 47,30) e da obrigação que os familiares tinham de preservar a memória dos parentes mortos através da edificação de um monumento onde todos eram sepultados (2 Sm 18,18) (SURIANO, 2010, p. 52).

32 Isidoro Mazzarolo explica: “A história foi escrita na cerâmica, na pedra, no papiro e no pergaminho. Através da arqueologia, o passado chega a nós, a partir de tabuinhas de cerâmica de *Tel el Amarna* conheceu-se mais a história da Assíria e da Mesopotâmia. A história do Egito entrou em uma nova fase com as descobertas da pedra Roseta de *Champolion*. Com as descobertas dos pergaminhos de *Qumran* compreendeu-se mais da história judaica e Palestina, bem como dos textos bíblicos (MAZZAROLO, 2002, p.169).

câmara, depois dessecado e esquartejado e em seguida depositado na câmara interna do túmulo junto com os restos mortais dos parentes falecidos. A primeira finalidade desse segundo ritual era a limpeza da primeira câmara do túmulo para acolher novos funerais (SURIANO, 2010, p. 57). O segundo objetivo era honrar a memória e o legado do falecido, mantendo seus restos mortais entre os parentes e não em uma vala comum em meio aos restos mortais de pessoas estranhas (v.27b).

A imagem do v.26, ainda que macabra, descreve a dessecação do corpo: “*e após arrancarem minha pele*”. A raiz verbal (NQP) *arrancar*, no *piel* perfeito terceira pessoa do plural, revela que o sujeito dessa ação é indefinido e está paralelo ao v. 26b: “*em minha carne, verei a Eloah*”. São duas metáforas que revelam o sofrimento extremo experimentado por Jó e trata-se de uma visão repugnante, porém, Jó deseja que *Eloah* a contemple e reconheça o mal que ele lhe fez. (HABEL, 1985, p. 308).

No v. 27c, aparece a descrição de um cadáver em estado avançado de decomposição: “*minhas entranhas - meus rins - consomem-se dentro de mim*”. O verbo (KLH) *qal* perfeito, significa um “*fim completo*”, e dependendo do contexto, como sugere o biblista Domeris, pode ser traduzido por “*desaparecer, perecer*” (Is 15,6) (DOMERIS, 2011, p. 640-642). A proposição 27b, descreve o momento em que os restos mortais são depositados na segunda câmara do túmulo entre os restos mortais dos familiares, ou seja, em meio a pessoas conhecidas: “*e o que meus olhos contemplaram e não um estranho*”.

A repetição dos verbos sinônimos (HZH) *ver* e (R’H) *contemplar*, criam um ambiente da visão, e realça o sentido do ver, não como um ato físico, mas como um olhar profético, espiritual. A função dessas raízes verbais neste texto e em paralelo revela que Jó estaria profetizando o seu futuro após a sua morte, quando, diante de *Eloah* será inocentado de todas as injúrias que está sofrendo.

## **EU SEI: MEU REDENTOR VIVE!**

Jó 19,25 é, sem dúvida, o versículo, mais conhecido e citado do livro de Jó e exprime toda a esperança de Jó em seu *goel* que é um parente-redentor ou ser divino, apesar de esperarmos que o redentor de Jó fosse o próprio Deus.

Em uma análise estilística as duas proposições formam um paralelismo sintético com termos correspondentes. A primeira proposição: ABC, e a segunda: B’A’C’ formando um quiasmo entre os termos AA’//BB’ os termos finais CC’, como foi supradito, e a seguir será desenvolvida a relação entre os termos.

A primeira expressão do v.25a, *mas eu sei*, sublinha o que virá em seguida<sup>33</sup> e supõe o desejo de Jó de se apresentar livremente perante o tribunal para testemunhar e expor os argu-

33 No livro de Jó o termo *יָדַעְתִּי* aparece em diversas passagens (9,2,28; 10,13; 13,2,18; 21,27; 23,13; 29,16; 30,23; 32,22 e 42,2) que revelam a consciência de Jó frente ao seu caso.

mentos que provam sua inocência (Jó 29–31). O verbo YD' *qal* primeira pessoa do singular, explica que o pobre Jó mesmo depois de tanto sofrimento, reconhece que será considerado culpado porque um ser humano não é capaz de se justificar diante de Deus (9,2. 28).

Jó sabe de sua inocência (Jó 13,18) e não ignora que foi Deus quem o entregou nas mãos dos ímpios (16,11), e lhe impôs grandes sofrimentos ao afastá-lo do convívio com seus parentes (19,6.13). Em Jó 19,21, após descrever seus sofrimentos (19,13-20), Jó acusa Deus de feri-lo com as próprias mãos, e constata que ninguém fica vivo diante dos golpes de Deus (12,13-24), e equipara seus sofrimentos a um assassinato (16,9-14.18). O inocente Jó perdeu a esperança nessa vida, por conseguinte, deposita-a num futuro após a sua morte (17,13–16)<sup>34</sup>.

O *goel* se levantará antes ou após a morte de Jó? A resposta a esse enigma está na expressão termo *sobre o pó*, que no livro de Jó, na maioria das vezes, tem um significado material (17,16;19,25;20,11;21,26;34,15)<sup>35</sup>, mas nos salmos 22,16 e 30,10 é utilizado como sinônimo de túmulo ou do *Sheol*<sup>36</sup>. Com isso, pode-se imaginar, o *goel* em pé, “*sobre o pó*”, ou seja, sobre a tumba de Jó e diante de *Eloah*, advogando em nome de Jó. Essa é a esperança de Jó: seu *go'el* levantar-se-á e fará justiça, defenderá seu nome e legado, quer seja na terra quer seja no céu<sup>37</sup> (16,18–22) (MORLA, 2017, p. 629).

Mas, em primeiro lugar, é preciso que o *goel*, seu parente-resgatador, se apresente (HABEL, 1985, p 305), e que reúna a capacidade para representar a defesa de Jó diante da divindade (12,13-25) (MORLA, 2017, p. 624). Também, é necessário que realize os rituais para proteger o legado e a memória de Jó (vv.23-24). É inacreditável, mas Jó chegou a pensar que seu resgatador estivesse no céu (16,19), contudo, depois de tudo que sofreu nas mãos de *Eloah* ele perdeu a esperança em Deus, resta-lhe depositá-la em sua família.

Paralelo ao verbo *qal* participio *meu redentor*, está o advérbio *no fim*, como uma forma de se dirigir ao *goel*. Esse advérbio revela o momento em que o resgatador deve agir (POPE, 1983, p. 146; BARRÉ, 1979, p. 108). Todavia, a definição do advérbio é controversa, contudo, o seu sentido básico é: “último minuto, momento derradeiro”, o que dá margem a interpretação de que o resgate pode ser realizado até no último momento da vida de Jó, em seu último respiro. Todavia, também pode significar o momento “*posterior*” a morte, quando serão realizados os rituais de exumação do corpo. Esse, de fato, seria o último momento em que o *goel*, estaria diante de Jó, ou seja, de seu cadáver (vv.26-27).

O verbo *levantar* (QWM) sintetiza o pensamento de Jó do que significa ser um *goel* e como ele deve agir. No capítulo 29,11-17, Jó se identifica como o defensor do direito de quem

34 Essa afirmação não pode ser entendida como uma fé na ressurreição.

35 Esta expressão é comum no livro de Jó estando presente nos capítulos: 22,24; 41,24; 42,6. Também pode ser observada em Isaias 47,1 e Amós 2,7.

36 O biblista Barré sugere que רַפֵּעַ-לֵעַ não precisa ser interpretada como túmulo, mas como uma doença grave que porventura estivesse torturando o protagonista do texto (BARRÉ, 1979, p. 109). No entanto não encontramos apoio para essa interpretação.

37 Em Jó 33,23, Eliú sugere que um anjo poderia ser o mediador/intérprete.

era injustiçado: “*dos órfãos era auxílio, olho para os cegos, pés para os coxos, das viúvas marido e pai dos pobres, seu turbante era o direito e a justiça o seu manto*”. Nesse caso o *goel* é aquele que se levanta em defesa do injustiçado, como Jó fez, em diversos momentos, se erguera no portão da cidade e diante dos notáveis defendia a causa do pobre que clamava por justiça. A raiz verbal QWM está associada ao verbo (HYH) *viver*, são fórmulas pares<sup>38</sup>, que quando juntas uma realça sentido da outra. Com isso, podemos compreender o conteúdo teológico comunicado por essas duas raízes como “*restauração ou cura de uma doença mortal* (Os 6,2), ou ainda, *ressurreição* (Is 26,19), (MARTENS, 2011, p. 899-901), ainda que esse não seja o sentido teológico de Jó 19,25.

Jó, realmente, espera que seja resgatado. Mas, como, quando e onde o *goel* agiria? O contexto de Jó, 19,25 indicou que o resgate sucederia em dois momentos. Primeiro, logo após a morte de Jó, quando se realizassem os primeiros rituais funerários, quando na rocha que lacra o túmulo da família, seu nome e palavras fossem esculpidos (vv.23-24), e, no segundo momento, quando os rituais (vv.26-27) fossem completados, resgatando o legado de Jó do perigo da morte definitiva, o que ocorreria na exumação de seu corpo. Esses dois rituais seriam realizados por um *goel*, um *parente-redentor*, de Jó e não por um ser divino e muito menos por *Eloah*, que corajosamente o defenderia de qualquer condenação (SURIANO, 2010, p. 60). Contudo, ainda fica um enigma: Quais seriam as palavras a serem talhadas na rocha? Sugiro que são as palavras Jó 29,1-31,40<sup>39</sup>.

## À GUIA DE CONCLUSÃO

No início desse estudo constatou-se que a raiz G'L em Jó 19,23-27 indica algumas interpretações controversas. De um lado, por causa dos problemas textuais no texto hebraico (TM) que levou os testemunhos antigos (LXX e a Vulgata) a optarem por parafrasear em vez de traduzir. Por outro lado, devido aos desacordos e condicionamentos históricos que os autores cristãos impuseram ao texto, enxergando o v.25 como uma profecia da ressurreição (SINONETTI CONTI, 2006, p. 152-153).

Nesse estudo, optou-se por identificar a raiz G'L no livro de Jó, suas funções e identidade no seu contexto literário, por isso, buscou-se as evidências e as relações, nos discursos de Jó (capítulos 16–19) contexto em que se encontra o *participio meu redentor*<sup>40</sup>.

Concluiu-se, em primeiro lugar, que o resgate, realizado pelo *goel*, em Jó 19,23-27, pode ser realizado após a morte de seu parente. Em segundo lugar, que o *goel* não é um ser divino e nem mesmo *Eloah*, mas um ser humano, um familiar, um parente-redentor que

38 O conceito de “*fórmulas pares*” foi desenvolvido é utilizado pelo biblista Barré com o objetivo de solucionar as dificuldades textuais facilitando a função de um termo, se busca o seu par na proposição paralela (BARRÉ, 1979, p. 107).

39 Por ser uma hipótese que alongaria demasiadamente a discussão não iremos aprofundá-lo.

40 יִשְׁׁוֹׁ

levará a cabo os rituais litúrgicos e o testemunho de que Jó, que apesar de todo sofrimento, era um homem íntegro (1,1). Por fim, conclui-se, que em Jó 19,25, a função do *goel* não está condicionada ao tempo de vida terrena de Jó, mas pode e vai resgatá-lo após a morte e esse resgate ocorrerá quando o *goel* levantar-se-á para defender o nome e legado de Jó diante da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA Sagrada. *Tradução oficial da CNBB*. 3.ed. Brasília: CNBB, 2019.
- A BÍBLIA. *Tradução Ecumênica*. São Paulo: Loyola, 1994.
- A BÍBLIA de Jerusalém. Nova ed. rev. e ampl. 3. impr. São Paulo: Paulus, 2004
- ALONSO SCHÖKEL, Luis M. *Dicionário Bíblico Hebraico Português*. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2004.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis M. *Manuale di poetica hebraica*. Brescia: Editrice Queriniana, 1989.
- ALONSO SCHÖKEL, Luis M.; DIAZ SICRE, José Luis. *Job: Comentario teológico y Literario*. Madrid: Ediciones Cristiandad, 1983.
- BARRÉ, M. L. *Note on Job 19:25*. *Vetus Testamentum*, Leiden, Brill, n. 1, v. 29, p. 107-110, 1979. Disponível em: <http://search.ebscohost.com>. Acesso em: 26 abr. 2020.
- BARTHÉLEMY, Dominique. *Critique textuelle de l'Ancien Testament Tome 5: Job, Proverbes, Qohélet et Cantique des Cantiques*. Fribourg / Göttingen: Academic Press / Vandenhoeck Ruprecht. 2015. Disponível em: [www.zora.uzh.ch](http://www.zora.uzh.ch).
- BIBLE WORKS 10: *software for biblical exegesis and research*. Norfolk: Bible Works, LLC, 2018.
- CLINES, David. *Job 1 – 20*. *Word Biblical Commentary*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 1989. v. 17.
- DOMERIS, William R. KLL. In: VANGEMEREN, Willem A. *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 2, p. 656-657.
- ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Ed.). *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. 5<sup>nd</sup> ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.
- HABEL, C. Norman. *The book of Job*. Philadelphia: Westminster Press, 1985.
- HARTLEY, John. *The book of Job*. Michigan: Grand Rapids, 1988.
- HOLLADAY, William L. *Léxico Hebraico e Aramaico do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- LÉVÊQUE, Jean. *Job et son dieu: essai d'exégèse et de théologie biblique*. Paris: Librairie Lecoffre, 1970. Tome II.
- MORLA, Víctor A. *Libro de Job: Recóndita armonía*. Navarra: Verbo Divino, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Job: 1-28*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2007.
- POPE, Marvin. *JOB*. The anchor Bible. New York: Doubleday e Company, 1983.
- LUGT, Pieter. *Rhetorical Criticism and the Poetry of the Book of Job*. Leiden: Brill, 1995.

- MARTENS, Elmer A. מִקְוֵה [QWM]. In: VANGEMEREN, Willem A. *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 3, p. 899-901.
- RINGGREN, Hermer. לָאֵל [G'L]. In: BOTTERWECK, J; RINGGREN, H. (A cura di). *Grande Lessico dell' Antico Testamento*. Brescia: Paideia, 1988. v. 1, p. 1803-1816.
- RICHARD, Pablo. *Apocalipse: reconstrução da esperança*. São Paulo: Vozes, 1996.
- SCHWIENHORTS-SCHÖNBERGER, Ludger. *Um caminho através do Sofrimento: o livro de Jó*. São Paulo: Paulinas, 2011. (Cultura Bíblica).
- SILVA, Werlen. O Livro de Jó e suas questões internas. *Atualidade Teológica*, Rio de Janeiro, v. 41, p. 322-335, maio-agosto 2012.
- SILVANO, Zuleica Aparecida. "G'L" como chave hermenêutica para a "redenção" na carta aos Gálatas em diálogo com "Textes messianiques" de Emmanuel Levinas. 2018. 550 p. Tese (Doutorado em Teologia) - Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte, 2018.
- SIMONETTI, Manlio; CONTI, Marco. *Job: la Biblia comentada por los padres de la Iglesia: Antiguo Testamento*. Madrid: Ciudad Nueva, 2006. v.7.
- SURIANO, M. Death, disinheritance, and Job's kinsman-redeemer. *Journal of Biblical Literature*, New Haven, v. 129, n. 1, p. 49-66, 2010. Disponível em: <http://search.ebscohost.com>. Acesso em: 26 abr. 2020.
- STEIMANN, Jean. *Le Livre de Job*. Paris: Cerf, 1955. Apud MAZZAROLO, Isidoro. *Jó: amor e ódio vêm do mesmo Deus?* Rio de Janeiro: Mazzarolo Editor, 2002.
- ZENGER, Erich. *Introdução Ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola. 2003.
- ZIEGLER, Joseph. *Job. Septuaginta: Vetus Testamentum Graecum*, 11/4. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1982.
- WEISER, Artur. *Giobbe*. Brescia: Paideia, 1974.
- WILLIAMS, Tyler F. בֵּיָב [YB]. In: VANGEMEREN, Willem A. *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. v. 1, p. 356-361.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Hognos, 2008.